

ARTIGOS DOSSIÊ

Radamés Vieira Nunes^I

Felipe Alves de Oliveira^{II}

Em busca da “nova Abolição”: a trajetória do Jornal Negro *Alvorada* (1945-1948)

In search of the “new Abolition”: the trajectory of the black newspaper *Alvorada* (1945-1948)

RESUMO:



O jornal *Alvorada* constitui uma página importante da História da imprensa negra e do movimento negro no Brasil. O presente artigo se dedica a refletir sobre sua trajetória e atuação como jornal negro da cidade de São Paulo na década de 1940, mais precisamente no contexto da queda do Estado Novo e ulterior processo de redemocratização. A proposta é demonstrar como o jornal *Alvorada*, através da intelectualidade negra, se inseriu nos debates sobre as questões raciais, participou das lutas negras e apresentou projetos para a nação conferindo centralidade para as populações negras. O periódico se tornou um lugar privilegiado para produção e disseminação de narrativas contra hegemônicas de intelectuais negros, através das suas folhas mulheres e homens negros resistiram e se organizaram politicamente. O estudo apresenta, numa perspectiva histórica, como o jornal apesar da sua efêmera duração contribuiu para desconstruir a farsa da democracia racial, denunciar o racismo e na luta do movimento negro para o reposicionamento do lugar do negro na história do Brasil. O jornal, ligado umbilicalmente a *Associação dos Negros Brasileiros*, defendeu o associativismo como principal estratégia para o alvorecer de uma “nova abolição” no país. O trabalho é um convite para refletir, explorar e compreender o relevante papel da imprensa negra nos debates sobre as questões raciais ao longo da história.



Palavras-chave: Imprensa negra; Movimento negro; Associativismo negro; Intelectuais negros/as

ABSTRACT:

The newspaper *Alvorada* constitutes an important page in the history of the black press and the black movement in Brazil. This article is dedicated to reflecting on its trajectory and performance as a black newspaper in the city of São Paulo in the 1940s, more precisely in the context of the fall of the Estado Novo and subsequent process of redemocratization. The proposal is to demonstrate how the newspaper *Alvorada*, through black intellectuals, inserted itself into debates on racial issues, participated in black struggles and presented projects for the nation, giving centrality to black populations. The periodical became a privileged place for the production and dissemination of counter-hegemonic narratives by black intellectuals, through its pages black women and men resisted and organized themselves politically. The study presents, from a historical perspective, how the newspaper, despite its ephemeral duration, contributed to deconstructing the farce of racial democracy, denouncing racism and the struggle of the black movement to reposition the place of black people in the history of Brazil. The newspaper, closely linked to the *Associação dos Negros Brasileiros*, defended associations as the main strategy for the dawn of a “new abolition” in the country. The work is an invitation to reflect, explore and understand the relevant role of the black press in debates on racial issues throughout history.

Keywords: Black press; Black movement; Black associations; Black intellectuals

^I Doutor em História Social pela Universidade Federal de Uberlândia; Professora, Universidade Federal de Catalão , Catalão, GO, Brasil. radamesnunes@ufcat.edu.br,  <https://orcid.org/0000-0002-3628-1866>

^{II} Doutor em História pela Universidade Federal de Ouro Preto; Professor, Universidade Federal de Catalão , Catalão, GO, Brasil. felipe.oliveira@ufcat.edu.br,  <https://orcid.org/0000-0002-6576-9342>

INTRODUÇÃO

“A democracia racial brasileira é um fracasso tremendo.”

Raul J. Amaral

Nunca é demais lembrar que o Brasil foi o último país das Américas a abolir a escravidão. Como denunciou, em 1947, o histórico militante do movimento negro Raul J. Amaral, a democracia racial brasileira é um fracasso tremendo. A afirmativa de Amaral é emblemática e, talvez diríamos, atemporal. Com isso, não pretendemos desconsiderar conquistas importantes do movimento negro, tais como a Lei 10.639/2003 e a lei de cotas de 2012. Porém, a despeito das lutas e conquistas das primeiras décadas do século XXI, não é nenhum exagero afirmar que ainda vivemos uma fracassada democracia racial. Vale lembrar ainda que no imediato pós-abolição, o Estado brasileiro implementou uma série de políticas institucionais visando o extermínio da população negra, e se ainda estamos aqui, é porque, como reivindicou Conceição Evaristo, “a gente combinamos de não morrer” (EVARISTO, 2016, p. 99).

A proposta deste texto é recuperar a trajetória do jornal *Alvorada*, um dos periódicos mais emblemáticos da história da imprensa negra. *Alvo-*

rada foi o primeiro jornal negro a circular no país no contexto da redemocratização de 1945.

Através das páginas do jornal *Alvorada*, intelectuais negros/as produziram discursos radicais, visando dismantelar a farsa da democracia racial. Aqui vale abrir um parêntese, para explicar a nossa escolha política/teórica, em adotar o uso do conceito de intelectual como forma de nomeação dos/as militantes do movimento negro. Em diálogo com a pensadora negra bell hooks, entendemos que, “intelectual é alguém que lida com ideias transgredindo fronteiras discursivas, porque ele ou ela vê a necessidade de fazê-lo” (hooks, 2018, p. 240).

O uso do conceito de intelectual como forma de nomeação dos/as militantes negros/as é fundamental, pois ainda vigora certa visão, como defendia bell hooks, “racista e sexista”, que considera a atividade intelectual vinculada única e exclusivamente à academia. Nesse modelo, os/as negros/as são aliados da condição de intelectual, uma vez que historicamente a universidade brasileira foi – e ainda é – um espaço branco e elitista. Ao nomeá-los/as como intelectuais estamos buscando recuperar suas contribuições para o campo das lutas antirracistas forjadas ao longo da década de 1940. Assim, neste texto consideramos os/as militantes negros/as como intelectuais, pois através de suas lutas, buscaram transgredir fronteiras

Agora em 2025, o movimento negro celebra oitenta anos da fundação de *Alvorada*, e comemorar sua história é um movimento fundamental

em direção ao futuro, pois a despeito das conquistas das primeiras décadas do século XXI, ainda temos como horizonte político fazer da democracia brasileira, uma verdadeira democracia racial.

Figura 1 – Primeira página do jornal Alvorada 28/09/1945



Fonte: Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira, Fundação Biblioteca Nacional (1645)

ALVORADA DA IMPRENSA NEGRA: MOVIMENTO NEGRO EM PAPEL E TINTA

A primeira edição de *Alvorada* circulou na cidade de São Paulo em setembro de 1945, um período marcado pela agitação política, com a proximidade das eleições presidenciais, agendada para o dia 2 de dezembro. O movimento que culminou na criação do jornal, começou no dia 30 de abril, quando as principais lideranças do movimento negro publicaram uma “Declaração de Princípios”, visando estabelecer as bases para a retomada das lutas, interrompidas pelo golpe de estado de 1937. O “movimento de abril” buscava retomar dois pilares do movimento negro: o associativismo e a imprensa.

Em maio de 1945 surgiu a *Associação dos Negros Brasileiros*, e logo em seguida, em setembro, o *Alvorada*. Já na primeira edição do jornal, a associação se apresentava como o maior projeto coletivo de retomada do movimento negro, “se não conhece, procure conhecer: é a maior tentativa de aproximação de toda a família negra de São Paulo e do Brasil” (*Alvorada*, 9/1945, p. 2). Inicialmente, a ANB ficou instalada na rua formosa, número 433. Este também era o endereço da *Associação José do Patrocínio*, fundada durante o Estado Novo, em 1941, pela intelectual negra Maria do

Rosário Alvarenga. A pioneira associação, segundo Paulina L. Alberto, foi fundada “para dar continuidade a aspectos da obra da Frente Negra – especialmente na defesa e na proteção das trabalhadoras domésticas negras” (Alberto, 2017, p. 220).

Além de oferecer cursos profissionalizantes para as mulheres negras, visando uma colocação digna no mercado de trabalho, a instituição que carregava o nome do grande abolicionista negro José do Patrocínio, “monitorava e protestava contra anúncios de emprego doméstico que especificavam a preferência por candidatas de pele clara ou branca” (Alberto, 2017, p. 220). A trajetória da *Associação José do Patrocínio* é emblemática, pois atesta a presença incondicional das ativistas negras na construção do movimento negro ao longo da década de 1940.

Retomando a trajetória do *Alvorada*, conforme dito, a primeira edição circulou em setembro de 1945, sob a direção de José Correia Leite, Fernando Góes e Raul J. Amaral. A proposta inicial seria retomar um projeto iniciado na década de 1920 por José Correia Leite e Jayme de Aguiar, o *Clarim d’ Alvorada* (1924-1932). Assim, o projeto foi apresentado a militância como um trabalho de continuidade das lutas protagonizadas num passado recente, “tradicional órgão, bandeira e portavoz das nossas aspirações, continue a ser o intransigente baluarte dos nossos direitos e reivindicações, como o foi no passado” (*Alvorada*, 9/1945, p.

1). Em relação ao processo que levou a fundação de *Alvorada*, explica Fernando Góes, um dos fundadores,

Este jornal surgiu quando a imprensa nacional não havia ainda conquistado sua liberdade integral. Mal saídos do consulado getuliano, vivíamos, ainda, sob o império do DIP, numa atmosfera de possíveis golpes dos que pretendiam restaurar, com todo o seu rigorismo fascista, as censuras e restrições à imprensa e as liberdades populares, existentes no regime por todos repudiados do Estado Novo. *Alvorada* surgindo da idealização de um grupo de negros democráticos, rompeu com as normas estabelecidas pelo DIP e sem registro de controle exigido por aquela repartição de caráter policial. (*Alvorada*, 9/1946, p. 2)

A história do jornal *Alvorada* insere-se num amplo movimento de luta, iniciado ainda no século XIX, conforme foi demonstrado por Ana Flávia Magalhães Pinto. Segundo a historiadora, até recentemente, havia certa tendência da historiografia do movimento negro de focalizar parte da sua atenção tão somente no período do pós-abolição.

A atuação organizada de grupos e indivíduos contra a discriminação racial, de forma ampla, bem como o estabelecimento de veículos de imprensa negra, em particular, têm sido fenômenos comumente localizados no século XX. Uma rápida observação indica que considerável parcela dos estudos desenvolvidos no e

sobre o Brasil tem realçado as iniciativas levadas a cabo a partir do século passado em detrimento de outras antecedentes. Assim, os feitos da resistência negra livre da escravidão, independentemente de suas intenções, foram cada vez mais associados às décadas posteriores ao fim do sistema escravista. (PINTO, Ana Flávia, 2010, p. 15)

Para Clóvis Moura (2019), um dos pioneiros nos estudos sobre a imprensa negra de São Paulo foi Roger Bastide, responsável pela construção de uma periodização que acabou se cristalizando no meio historiográfico, “a chamada imprensa negra de São Paulo, pouco conhecida e divulgada, sendo apenas relacionada em circuitos universitários, abarca um período que vai de 1915, quando surge *O Menelick*, até 1963” (Moura, 2019, p. 241).

De acordo com Roger Bastide, a história da imprensa negra de São Paulo poderia ser dividida em duas fases, “para ele, a fase inicial vai de 1915, com *O Menelick*, até 1930. A segunda começa em 1930 e vai até 1939, ano-limite da sua pesquisa” (MOURA, 2019, p. 243). Após certo hiato, a história da imprensa negra volta a ser objeto de pesquisa na década de 1980, quando Miriam Nicolau Ferrara (1986), avança um pouco mais, e inclui uma terceira fase, compreendendo o período de 1945 a 1963. Assim, a história da imprensa negra passou a ser compreendida a partir de três fases, a primeira de 1915 a 1923, a segunda de 1924 a 1937 e a terceira e última de 1945 a 1963.

Na esteira de Petrônio Domingues (2019), após um segundo longo hiato, a renovação do campo só veio acontecer no início do século XXI, a partir de um conjunto de estudos, dos quais vale destacar a importância da historiadora Ana Flávia Magalhães Pinto,

É verdade que, ultimamente, esse quadro tem apresentado sinais de mudanças. Algumas pesquisas têm tirado da sombra novos personagens, vozes, agrupamentos, recortes cronológicos e eventos. Um exemplo disso é a tese de doutorado de Ana Flávia Magalhães, que, entre outras questões aborda aspectos da vida e do pensamento de Ignácio de Araújo Lima, Arthur Carlos e Theophilo Dias de Castro. Essas lideranças negras se envolveram com a edição de ao menos um dos dois jornais negros publicados na cidade de São Paulo no fim do século XIX: *A Pátria*, de 1889, e *O Progresso*, de 1889. (Domingues, 2019, p. 62)

Os estudos de Ana Flávia Magalhães Pinto, promoveram uma verdadeira renovação no campo, uma vez que rompeu com aquela periodização que considerava a história da imprensa de São Paulo localizada apenas no período do século XX. No livro *Imprensa negra no Brasil do século XIX*, publicado em 2010, a historiadora apresenta a trajetória de um conjunto de periódicos negros que circularam no país entre 1833 e 1899. Com isso, ela estabelece novos marcos para a história da imprensa negra no Brasil, ao recuperar a agência de

uma intelectualidade negra que ao longo século XIX fez da imprensa um instrumento de luta política,

Identificar tais características resultou, por outro lado, no reconhecimento de condições propícias à emergência desses veículos da imprensa negra, o que, por sua vez, levou à distinção de um detalhe precioso: a atuação de um razoável número de negros letrados capazes de, em diferentes momentos do século XIX, gerar e absorver as ideias emitidas naqueles jornais, bem como disseminá-las entre os pares iletrados. Com o intuito de apresentar um panorama daqueles jornais, a pesquisa acabou levantando informações sobre homens negros livres acerca de questões caras a seu cotidiano antes da virada do século XX. (Pinto, 2010, p. 20)

A apresentação desse panorama é relevante, pois nos possibilita ter dimensão da importância da imprensa negra no campo das lutas travadas pelos/as intelectuais negros/as desde a primeira metade do século XIX com a fundação do jornal *O Homem de Cor*, no Rio de Janeiro em 1833. Assim, a trajetória do *Alvorada* se insere numa história de longa duração da imprensa negra. Passemos então a história do primeiro jornal negro a circular na cidade de São Paulo na conjuntura da redemocratização.

Como já dito, o primeiro exemplar circulou no mês de setembro, sendo uma “edição comemorativa à data do 28 de setembro”, considerado o

dia da Mãe Preta, uma referência a *Lei do ventre livre*, promulgada nesse mesmo dia no ano de 1871. Em relação a figura da “Mãe Preta”, Lélia Gonzalez explica que ela não deve ser entendida como um sujeito passivo e acomodado em relação à escravidão, pelo contrário. A partir do que ela chama de “resistência passiva”, a “mãe preta”, colaborou incessantemente para o processo de africanização da cultura brasileira. Assim, longe de ser um símbolo de acomodação à lógica escravista, a figura da mãe preta foi um símbolo de resistência,

Não podemos deixar de levar em consideração que existem variações quanto às formas de resistência. E uma das delas, é a chamada “resistência passiva”. A nosso ver, a “Mãe Preta” e o “Pai João”, com suas histórias, criaram uma espécie de “romance familiar” que teve importância fundamental na formação dos valores e crenças do povo, do nosso “volksgeist”. Conscientemente ou não, passaram para o brasileiro “branco” as categorias das culturas africanas de que eram representantes. Mais precisamente, coube à “Mãe Preta”, enquanto sujeito-suposto-saber, a africanização do português falado no Brasil (o “pretuguês”, como dizem os africanos lusófonos) e consequentemente, a própria africanização da cultura brasileira. (Gonzalez, 2018, p. 40)

A primeira edição de *Alvorada* circulou gratuitamente, e assim seguiu até a quarta, quando

em janeiro de 1946, foi instituída uma assinatura anual no valor de quinze cruzeiros. Em termos de estrutura, tradicionalmente, *Alvorada* circulava com quatro páginas, apenas as edições comemorativas de maio ou setembro, circulavam com seis ou oito páginas. No contexto dos anos 1940 e 1950, duas datas eram importantes para o movimento negro: o 13 de maio e o 28 de setembro. Nesses momentos, o jornal aparecia para o seu público leitor num formato diferente, expandido e com colaborações de diferentes intelectuais negros/as que faziam parte do projeto editorial.

A primeira edição traz um texto emblemático de Raul J. Amaral, um dos fundadores do *Alvorada*. Em “O negro não tem problemas?”, Amaral busca refletir sobre o processo de marginalização imposto aos/as negros/as após o 13 de maio de 1888,

uma vez que o negro, com a liberdade de 1888, ficou despreparado para as competições do homem livre e, por conseguinte, à margem da vida social, econômica, política e cultural do país, além das circunstâncias “carregadamente” desfavoráveis, coercitivas e impeditivas até que travam a sua marcha de ascensão, circunstâncias essas da pigmentação (Alvorada, 9/1945, p. 1).

O pensamento de Raul Amaral é sintomático, pois apresenta a crítica compreensão do movimento negro em relação à questão racial no Brasil.

Para Amaral, o 13 de maio não representou a completa libertação dos/as negros/as, pois estes/as, logo após a assinatura da Lei Áurea, foram empurrados para as margens da sociedade brasileira.

Em relação à problemática racial brasileira, duas questões estavam bem estabelecidas no movimento negro da década de 1940. A primeira, compreendia o 13 de maio como uma vitória do povo, porém incompleta e insuficiente para reparar os danos causados pela escravidão. E a segunda, compreendia a existência do racismo como um elemento estruturante das relações raciais no Brasil, e como o verdadeiro causador das mazelas econômicas e sociais que afetavam negros/as no país.

A partir deste diagnóstico, o grupo vinculando ao *Alvorada*, José Correia Leite, Raul J. Amaral e Fernando Góes, passaram a defender o associativismo como a única ferramenta política capaz de superar os males causados pelo racismo. Críticos à política partidária, eles entendiam que a adesão de negros/as aos partidos, historicamente dominados pela “casa grande”, causava apenas dispersão, prejudicando assim, a organização e unificação do movimento negro.

Ainda sobre a primeira edição de *Alvorada*, o jornal buscou destacar as contribuições do *Teatro Experimental do Negro*, fundado em 13 de outubro de 1944, no Rio de Janeiro,

Não podemos deixar de consignar aqui duas palavras em torno dessa grande e vitoriosa

realização que é o Teatro do Negro na capital do país. É uma obra de elevado mérito pela sua concepção e originalidade. Deve-se isso a um punhado de jovens intelectuais negros, tendo à frente Abdias do Nascimento, Aguinaldo de Oliveira Camargo e Sebastião Rodrigues Alves. (Alvorada, 9/1945, p. 1)

Aliás, o *Teatro Experimental do Negro*, na figura de Abdias Nascimento, convidou um dos fundadores do *Alvorada* e da *Associação dos Negros Brasileiros*, José Correia Leite, para visitar o Rio de Janeiro e prestigiar a peça “Patrocínio”, interpretada pelo ator negro Aguinaldo de Oliveira Camargo.

Do Rio trago aos meus companheiros de São Paulo, uma boa notícia. Tocou a minha sensibilidade o fato de ter assistido uma representação teatral em que a figura central da peça, foi um autêntico ator negro. Trata-se do jovem e já consagrado Aguinaldo de Oliveira Camargo, que interpretou na peça “Patrocínio”, o papel desse genial mestiço. Abdias Nascimento, diretor do TEM, num gesto muito delicado convidou-me na noite de estreia a ir com ele e mais o Rodrigues Alves, assistir no teatro da Glória. (Alvorada, 12/1945, p. 4)

A presença de Leite no Rio de Janeiro demonstra a existência de uma boa relação política entre a militância do Rio e de São Paulo. Se no Rio o grupo de Abdias do Nascimento apostava no Te-

atro Experimental do Negro como instrumento de luta política, em São Paulo, o grupo de José Correia Leite investia na *Associação dos Negros Brasileiros*. A fundação da ANB em maio e do jornal em setembro, foi motivo de entusiasmo entre o meio negro, que nutria grande expectativa com o processo de redemocratização em curso no país.

Nos primeiros meses, a iniciativa do grupo de José Correia Leite recebeu cartas e telegramas de Barbacena, Campinas, Porto Alegre, Santos, Rio de Janeiro e da própria capital paulista. Além disso, outras organizações, tais como a *Associação José do Patrocínio* e a *Cruzada afro-brasileira de alfabetização*, também saudaram a iniciativa. A repercussão da ANB e do *Alvorada* foi além da própria militância negra, chegando até mesmo na Faculdade de Filosofia, ciências e letras de São Paulo. Um dos acadêmicos mais renomados da época, Roger Bastide, um estudioso da questão racial no Brasil, fez questão de enviar telegrama à direção do periódico *Alvorada*,

Li-o com o mais vivo interesse e felicito-vos por essa bela realização. Envio-vos os meus melhores votos de êxito e desejo que o magnífico esforço que fazeis para reunir os brasileiros de cor em torno de um programa econômico, social e cultural produza resultados. (*Alvorada*, 10/1945, p. 4)

O segundo número de *Alvorada*, assim como o primeiro, também foi publicado como “edição comemorativa à data da descoberta da América”. Apesar do uso da categoria “descoberta”, o texto estampado na página inicial “Nós também somos a América”, é carregado de um tom político combativo, reivindicando as contribuições negras na construção do continente. Dentre as figuras históricas mencionadas, destaca-se o protagonismo do “grande negro libertador do Haiti, Toussaint L’Ouverture”.

Em relação à organização da *Associação dos Negros Brasileiros*, o jornal divulgou a formação inicial do comitê organizador, que ficaria responsável pelos trabalhos de arrecimação para a formação do quadro social da ANB. A presidência ficou a cargo de José Correia Leite, sendo Raul J. Amaral, seu secretário geral. Após cinco meses de fundação, em outubro de 1945, a associação já contava com quinhentos inscritos.

Na edição seguinte, em novembro de 1945, tratou o comitê organizador de divulgar uma mensagem para os/as inscritos, explicando como se daria o processo de implementação da ANB. Ficou estabelecido que, a partir de primeiro de janeiro de 1946, cada inscrito/a faria uma contribuição mensal no valor de vinte cruzeiros e que ao longo ano, o comitê convocaria os/as inscritos para discutir a elaboração do estatuto, bem como a eleição de uma diretoria.

A última edição de 1945 e a primeira de 1946 foram dedicadas as eleições presidenciais ocorridas em 2 de dezembro, vencidas pelo candidato apoiado por Getúlio Vargas, Eurico Gaspar Dutra do PSD. O retorno à ordem democrática foi motivo de entusiasmo no meio negro, uma vez que durante o período da ditadura varguista, as organizações negras foram desmanteladas. Porém, apesar de certo otimismo com a nova ordem, como já dissemos, a *ANB* buscava-se distanciar da disputa política partidária. A instituição defendia incondicionalmente o associativismo como forma de organização política,

Não é do nosso programa dar conselhos políticos, orientar quem quer que seja a esse respeito. Mas podemos dizer lealmente para quem nos honra com a sua atenção, que este não é o momento dos negros se agruparem em organizações políticas particulares, ou, em grupos, nos partidos políticos. (...) confiemos na democracia que ela nos permitirá debater os nossos casos e problemas e, assim, resolvê-los. (Alvorada, 10/1945, p. 4)

A posição da *ANB* era mais clara em relação à política partidária, porém outros grupos do meio negro, contrapunham-se a visão da organização, apostando nos partidos como uma via de resolução das mazelas provocadas pela escravidão. É importante compreender o movimento negro a partir da sua pluralidade e heterogeneidade. Para além

do *Alvorada* e da *Associação dos Negros Brasileiros*, havia outros grupos, defendendo diferentes estratégias de luta.

A edição de janeiro de 1946, além de repercutir as eleições presidenciais, dedicou amplo espaço à figura de José do Patrocínio. O jornal destacou os quarenta e um anos da morte do “Tigre da Abolição”, como era carinhosamente chamado no meio negro. O texto publicado em alusão ao histórico abolicionista, relembra os momentos finais da vida de Patrocínio e sua contribuição na luta contra a escravidão,

Num dos subúrbios do Rio de Janeiro, a 29 de janeiro de 1905, faleceu, na maior pobreza e quase que esquecido de todos, aquele que Osvaldo Orico chamou de o “Tigre da Abolição”. José do Patrocínio é um nome que, para nós, deve ser imperecível; e os seus feitos e o seu grande devotamento à causa do abolicionismo, devemos guardar na memória, em sinal de gratidão. Alvorada, em sua ação fervorosa de concitar os negros brasileiros, para uma obra de aproximação, nada mais faz que, continuar a grande tarefa do grande mestre a quem rendemos hoje, esta pequena, porém justa homenagem. (Alvorada, 01/1946, p. 1)

Se na contemporaneidade, a figura de Zumbi dos Palmares é a grande referência, especialmente após a institucionalização do dia Consciência Negra em 2003, para o movimento negro da década de 1940 havia uma tríade a ser reverenciada.

da: José do Patrocínio, Cruz e Sousa e Luiz Gama. Aliás, a edição de maio de 1946, no intuito de prestar homenagens à Luiz Gama, publicou na íntegra, sua famosa carta, dedicada a seu filho. Assim como o *Alvorada*, transcrevemo-la abaixo, entendendo sua importância histórica,

Carta de Luiz Gama ao filho
Em 23 de setembro de 1870.

Dize a tua mãe que a ela cabe o rigoroso dever de conservar-se honesta e honrada; que não se atemorize da extrema pobreza que lhe lego, porque a miséria é o mais brilhante apanágio da virtude. E, evita a amizade e as relações dos grandes homens, eles são com o oceano que aproxima das costas para corroer os penedos. Se republicano como foi o homem cristo, faze-te artista; crê, porém, que o estudo é o melhor entretenimento, e o livro o melhor amigo. Faze-te apóstolo do ensino, desde já. Combate com ardor o trono, a indigência e a ignorância. Trabalha por ti e com o esforço inquebrantável para que este país em que nascemos, sem rei e sem escravos, se chame Estados Unidos do Brasil. Se cristão; crê unicamente na autoridade da razão, e não te alies jamais a seita alguma religiosa. Deus revela-se tão somente na razão do homem, não existe em igreja alguma do mundo. Há dois livros cuja leitura te recomendo – a bíblia sagrada e a vida de Jesus, por Renan. Trabalha e se perseverante, lembra-te que escrevi estas linhas em momento supremo, sob ameaça de assassinato. Tem compaixão dos teus inimigos,

como eu me compadeço da sorte dos meus.
(Alvorada, 5/1946, p. 5)

A edição do maio de 1946, além de prestar homenagens aos abolicionistas negros, comemorou o primeiro ano de existência ANB. Vale destacar que a associação ainda não havia se concretizado, o comitê organizador, fundado em maio de 1945, continuava seus trabalhos de arrecadação dos fundos e da elaboração do estatuto. Por fim, a edição destacou a celebração do 13 de maio nas demais associações negras em funcionamento na cidade de São Paulo, a saber: *Palmares, Paulistano, Elite Clube, Elite 28 de setembro, Vitória Paulista, E.C 11 Irmãos Patriotas*.

Em relação a linha editorial, vale destacar dois textos publicados, “Ave Libertas” de Raul J. Amaral e “A nova abolição” de José Correia Leite. Em “Ave Libertas”, escreveu Raul Amaral, “não se separam a raça negra e o Brasil. Eles se confundem” (Alvorada, 5/1946, p. 1). A afirmativa de Amaral revela uma profunda compreensão acerca da importância do negro na formação da sociedade brasileira.

Aqui compreendemos a imprensa negra como um lugar privilegiado onde intelectuais negros/as buscaram produzir narrativas contra hegemônicas, visando desestabilizar discursos dominantes. No tocante à essa questão, vale destacar dois aspectos centrais: a crítica à tese da democracia racial e o movimento de trazer o negro da mar-

gem para o centro da história brasileira. Com isso, a imprensa negra desenvolveu um importante trabalho de revisão historiográfica, ao considerar o negro como um elemento central na formação da sociedade brasileira.

Ainda no texto “Ave Libertas”, declarou enfaticamente Amaral, “que cada negro saiba honrar o treze de maio e dignificar a plêiade brilhante daqueles que a sangue o conquistaram.” Amaral e Leite entendiam a luta dos anos 1940 como uma continuação do movimento iniciado pelos abolicionistas negros no final do século XIX. Em “A nova abolição”, escreveu Leite, “expressa, pois, esta nossa comemoração o desejo de continuar a grande obra e a evolução de seus fins, tão bem preconizados. Porém ainda não completados.” (Alvorada, 5/1946, p. 1). Leite e os/as demais intelectuais não negavam a importância do 13 de maio de 1888, porém sabiam dos limites do movimento, e por isso reivindicavam uma nova abolição.

Em relação à discussão sobre o 13 de maio, a figura da Princesa Isabel motivou acalorados debates no meio negro. Em julho de 1946, celebrou-se o centenário da princesa, e na ocasião, Raul Amaral escreveu um artigo intitulado “Princesa Isabel – a redentora”, buscando destacar sua importância na luta contra a escravidão. Na edição seguinte, de setembro de 1946, Aristides A. Ne-

greiros publicou um texto inflamado fazendo severas críticas ao artigo de Raul Amaral,

Festejou-se a 29 de julho o centenário do Nascimento da Princesa Isabel. Cantaram-se em prosa e versos a grandiosidade de sua figura, cometendo-se assim o grande erro de só ressaltarem a magnanidade de seu coração. Erraram os homens da imprensa porque esqueceram também de relembrares as campanhas memoráveis de explanações e de civismo, combate aberto ao cativo de negros no Brasil, nas quais tomaram partes salientes os vultos heróicos de José do Patrocínio, Luiz Gama. (...) É por isso, meus irmãos de raça urge que façamos a nossa democracia. Democracia do negro, pela conquista do nosso novo 13 de maio. (...) Salve, portanto aos grandes abolicionistas, aos quais rendo neste momento o pleito de meu respeito e de minhas homenagens. (Alvorada, 9/1946, p. 4)

O emblemático artigo de Aristides A. Ne-greiros foi publicado na edição comemorativa de setembro de 1946, quando *Alvorada* celebrou seu primeiro ano de existência. Naquela altura, a imprensa negra já contava com a circulação de outro jornal, *Novo Horizonte*, dirigido pelos intelectuais negros Eugenio Fontana, Ovidio P. Santos e Aristides Barbosa. No início de 1946, circulou em São Paulo, sob a direção do professor Geraldo Campos, a *Revista Senzala*. Porém, o projeto teve vida breve e acabou sendo interrompido, permanecendo

apenas dois jornais da imprensa negra em São Paulo naquele ano, *Alvorada* e *Novo Horizonte*.

Após um ano de existência, o *Alvorada* já circulava além dos limites da cidade de São Paulo. Pode-se afirmar que em 1946, o jornal já contava com um público leitor variado. Ainda que de forma precária, o periódico circulou pelo país, em especial na cidade do Rio de Janeiro. Como foi demonstrado até aqui, a fundação desse impresso negro passou pela criação da *ANB*, e da sua defesa incondicional do associativismo como instrumento de luta política.

No primeiro ano de existência, *Alvorada* dedicou-se integralmente à luta negra no Brasil, porém sem deixar de lado a questão racial pelo mundo, em especial nos Estados Unidos, onde impera a segregação racial imposta pela Jim Crow. Tradicionalmente, a terceira página do jornal era dedicada a coluna “Mundo Negro”, momento em que o periódico divulgava aspectos relevantes da luta dos/as negros/as nos Estados Unidos, ou então casos de linchamento protagonizados pela organização de supremacistas brancos Ku Klux Klan. A violência racial nos EUA foi denunciada no poema “Civilização Branca”, do poeta negro Solano Trindade,

Lincharam um homem
Entre os arranhas-ceus
(Li no jornal)
Procurei o crime do homem

O crime não estava no homem
Estava na cor da sua epiderme.
(*Alvorada*, 4/1946, p. 2)

No final de 1946, o jornal *Alvorada* publicou uma mensagem esclarecendo aos/as leitores/as as razões que impediram a efetivação da *ANB* naquele ano. Criada em maio de 1945 a associação continuava sob a direção do comitê organizador, que ainda não havia conseguido arrecadar os fundos necessários para a concretização da proposta,

Quando, a partir de janeiro deste ano iniciamos a arrecadação das quotas dos inscritos – isso se processou de maneira muito lenta – e como se pode observar, até hoje, estamos esperando mais da maioria das pessoas, que não corresponderam aos compromissos firmados.
(*Alvorada*, 11/1946, p. 2)

A organização da *ANB* só avançou a partir de abril de 1947, quando finalmente foi convocada uma assembleia preliminar, e logo em seguida, estabeleceu-se uma comissão para a elaboração dos estatutos. A comissão reuniu-se entre os dias 26 de abril e 3 maio, e no dia 13 de maio, após dois anos da criação do comitê organizador, finalmente a *ANB* foi institucionalizada. O evento aconteceu no auditório do conservatório musical de São Paulo. A diretoria contava com vinte membros, sendo a presidência ocupada por Raul J. Amaral.

Após a criação oficial da *ANB*, a instituição saiu da sede provisória junto da *Associação José Patrocínio*, na rua Formosa, 433, transferindo-se para novo endereço localizado na rua José Bonifácio, 29, São Paulo. Em outubro de 1947, após a realização de uma assembleia geral, ficou estabelecido que a primeira meta a ser cumprida seria a construção de uma sede própria da associação. Para isso, os/as presentes na assembleia votaram para que cada filiado/a pagasse uma quantia equivalente a duzentos e vinte cruzeiros até o dia 5 de maio de 1948.

Apesar dos esforços empregados por José Correia Leite, Fernando Góes e Raul J. Amaral, a *Associação dos Negros Brasileiros*, bem com o jornal *Alvorada*, acabaram interrompendo suas atividades em 1948. Terminava ali, de forma frustrada, a tentativa de fazer surgir uma nova Frente negra brasileira. A respeito do encerramento das atividades da *ANB* e *Alvorada*, explica Leite

Mais tarde eu soube que o novo presidente resolve levar a sociedade para a Rua Formosa, para junto de uma associação de funcionários públicos. Não demorou muito tempo, ele foi dizer que a tal associação queria a sala que eles estavam ocupando e a Associação dos Negros Brasileiros acabou fechando. O terreno, ninguém soube mais nada. Ninguém soube mais nada do patrimônio. E eu também não quis saber, porque quando eu quis falar qualquer coisa a respeito disso, disseram que eu estava

mal intencionado, envenenando os negros, envenenando o espírito dos negros. Não sei por quê. A associação fechou mais ou menos em 48. Foi justamente na época em que eu vim construir a casa. Eu vim morar aqui em 48 mesmo, antes de terminar a casa, porque eu não tinha dinheiro para o material necessário para o fim da obra. Fiz a sala, o banheiro e a cozinha, sendo que a sala serviu de quarto. Quando a Associação dos Negros Brasileiros fechou, o jornal *Alvorada* também parou. (Leite, José Correia, 1992, p. 154)

Difícil apontar as principais causas que impediram a continuidade de *ANB* e do jornal *Alvorada*, fato é que a conjuntura dos anos 1940, após a queda do Estado Novo e o processo de redemocratização, era bem diferente daqueles dos anos 1930, quando surgiu a Frente Negra Brasileira. Talvez o colapso da iniciativa possa ser explicado pela heterogeneidade do próprio movimento negro que, naquele contexto, apostava em diferentes estratégias, tais como a adesão a política partidária.

CONCLUSÃO

Ao longo dos três anos de existência o jornal *Alvorada* defendeu intransigentemente a tradição associativa negra. O jornal foi um pioneiro, sendo o primeiro periódico negro a circular, num momento em que a imprensa ainda vivia sob a

vigilância do DIP. *Alvorada* não foi apenas um órgão de propaganda da *Associação dos Negros Brasileiros*, foi um veículo articulador das lutas negras na segunda metade da década de 1940. A partir do impresso vários intelectuais negros/as buscaram reposicionar o papel do/a negro/a na história do Brasil, denunciar a farsa da democracia racial e atestar para a existência do racismo na sociedade brasileira.

Dentre os/as inúmeros intelectuais negros/as que contribuíram com o jornal *Alvorada*, destacamos a presença da intelectual negra Sofia Campos Teixeira. Professora, ativista e fundadora do PSD, Sofia Campos esteve à frente de diversas organizações negras, na defesa incondicional das trabalhadoras negras. Em 1945, ainda no contexto da redemocratização, ela participou ao lado de outras lideranças negras do *Primeiro Congresso Cultural dos Negros Campineiros*. Em outubro de 1947, publicou no *Alvorado* o emblemático artigo intitulado 28 de setembro, denunciando a morosidade do Estado brasileiro em relação ao fim da escravidão, e destacando o papel das mulheres na construção de uma sociedade verdadeiramente democrática e antirracista,

São decorridos 76 anos da promulgação da lei do ventre livre. Esta lei, que é nenhuma originalidade do trono brasileiro, bem demonstra a maneira retardatária com que os nossos homens de governo pretendiam ir fazendo as

reformas sociais. (...) Responsáveis que somos pela educação de nossos filhos, devemos compreender nosso papel dentro da sociedade. Todas as mulheres devem, pois, iniciar um trabalho de extirpação do preconceito de cor da mentalidade de seus filhos. Todas nós, negras, brancas e mulatas, poderemos dar um exemplo aos nossos irmãos, esposos e amigos de que nosso papel na formação social é decisivo, através da persuasão contínua de ensinar a nossos filhos a serem mais humanos e a não alimentarem o menor preconceito contra seu semelhante. Fazendo isto teremos completado a grande obra de nosso símbolo imortal a “Mãe Negra.” (Alvorada, 10/1947, p. 3)

Assim como Sofia Campos Teixeira, outras intelectuais negras estiveram à frente do movimento negro, aqui vale destacar o pioneirismo de Maria do Rosário Alvarenga, fundadora da *Associação José do Patrocínio*, em 1941. O papel das mulheres negras foi fundamental na organização e radicalização do movimento negro, pois ao atrelarem as categorias de gênero e raça, forçaram uma militância predominante masculina, a se atentar para as condições impostas pelo racismo e o sexismo às mulheres negras.

Retomando a reflexão inicial de Raul Amaral, decorridos 80 anos da fundação do jornal *Alvorada*, não é exagero afirmar que continuamos sendo uma democracia racial incompleta. A despeito das lutas e conquistas do movimento negro, e da agenda antirracista implementada pelo Estado

brasileiro nas primeiras décadas do século XXI, ainda não é possível considerar o Brasil como uma verdadeira democracia racial. O 13 de maio segue inconcluso, e a busca pela “nova abolição”, segue motivando a luta daqueles/as que se colocam como continuadores das lutas iniciadas pelos nossos/as ancestrais.

O jornal *Alvorada*, participando e interferindo nas lutas negras e nas dinâmicas da década de 1940, apresentou em suas páginas outra interpretação do passado Brasileiro e esboçou outros projetos de futuro como horizonte de expectativa para o país, sempre reivindicando centralidade para as populações negras. Em outras palavras, a partir de periódicos como o *Alvorada* pode-se articular diferentes temporalidades e conectar parte da resistência e história do movimento negro que culminou nas conquistas e desafios contemporâneos, possibilita reatar lutas e projetos de outrora que foram interrompidos. O jornal que extrapolou as fronteiras paulistas sinaliza a existência de outros tantos jornais e jornalistas da imprensa negra que atuaram nas mais diferentes cidades desse vasto Brasil e que, infelizmente, ainda seguem desconhecidos e esquecidos pela História. A conquista de uma “nova abolição” possivelmente passa, entre outras coisas, pela busca dessas páginas perdidas da imprensa negra.

REFERÊNCIAS

ALBERTO, Paulina L. **Termos de inclusão**: intelectuais negros brasileiros no século XX. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2017.

ALVORADA. São Paulo, 1945-1948.

BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica**. São Paulo: IBRASA, 1972.

DOMINGUES, Petrônio. **Protagonismo negro em São Paulo**: história e historiografia. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2019.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. – 1.ed. – Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

HOOKS, bell. Mulheres pretas intelectuais. IN: **Coletânea Pensamento Preto**: Epistemologias do Renascimento Africano [Volume 1]. União dos Coletivos Pan-Africanistas. Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018.

GONZALEZ, Lélia. Lélia Gonzalez – **Primavera para as rosas negras**. São Paulo: Coletânea organizada e editada pela União dos Coletivos Pan-Africanistas, 2018.

LEITE, José Correia Leite. **E disse o velho militante José Correia Leite**. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1992.

MOURA, Clóvis. **Sociologia do negro brasileiro**. 2ed. – São Paulo: Perspectiva, 2019.

OLIVEIRA, Felipe Alves de. **Nosso imperativo histórico é a luta: intelectuais negros/as insurgentes e a questão da democracia racial em São Paulo (1945-1964)**. Rio de Janeiro: Editora Malê. 2021.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. **Imprensa negra no Brasil do século XIX**. – São Paulo: Selo negro, 2010.